

Uma leitura de *O sobrevivente*, de Carlos Drummond de Andrade, em tempos de pandemia

A reading of the O sobrevivente, by Carlos Drummond de Andrade, in pandemic times

Fabio Scorsolini-Comin¹

RESUMO

O objetivo deste estudo é refletir sobre os possíveis sentidos produzidos a partir da leitura literária do poema “O sobrevivente”, presente na obra “Alguma poesia”, de Carlos Drummond de Andrade, originalmente publicada em 1930. A partir da compreensão do contexto original de produção do poema, a presente análise toma como chave interpretativa a sua leitura e ressonância diante do cenário pandêmico. Para tanto, foram recuperados estudos literários sobre essa obra, cotejando-os a partir de reflexões produzidas ao longo do trânsito pandêmico. No texto, Drummond parte da denúncia acerca da impossibilidade de escrever uma poesia diante de uma humanidade cada vez mais submetida às novas tecnologias que subvertem o cotidiano e do reconhecimento da falibilidade do ser humano. Reconhece, a partir desse movimento, a natureza humana como predatória, tornando o mundo cada vez mais inabitável, paradoxalmente ao aumento exponencial da população. Esse caráter predatório é reavivado a partir dos sentidos produzidos pela leitura desse texto no contexto da pandemia, em que o esfacelamento do ser humano não ocorre dissociado de um modo de produção que solapa tempos, relações e delicadezas. A possibilidade de recuperar a poesia e a emoção mostra-se uma resposta diante de tempos incertos, aproximando os dois contextos de leitura.

Palavras-chave: Poesia. Carlos Drummond de Andrade. Pandemia.

ABSTRACT

The aim of this study is to reflect on the possible meanings produced from the literary reading of the poem “O sobrevivente” (in Portuguese), present in the book “Alguma poesia”, by Carlos Drummond de Andrade, originally published in 1930. From the understanding of the original context of production of the poem, the present analysis takes as interpretative key its reading and resonance in the face of the pandemic scenario. To this end, literary studies produced on this work were recovered, comparing them with the reflections produced throughout the pandemic. In the text, Drummond starts by denouncing the impossibility of writing poetry in the face of a humanity increasingly subjected to new technologies that subvert everyday life and the recognition of the fallibility of human beings. He recognizes, from this movement, human nature as predatory, making the world increasingly uninhabitable, paradoxically to the exponential increase in population. This predatory character is revived from the meanings produced by the reading of this text in the context of the pandemic, in which the destruction of the human being is not dissociated from a mode of production that undermines times, relationships and delicacies. The possibility of recovering poetry and emotion proves to be a response in the face of uncertain times, bringing the two reading contexts closer together.

Keywords: Poetry. Carlos Drummond de Andrade. Pandemic.

¹ Psicólogo e linguista. Mestre, Doutor e Livre-Docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Ribeirão Preto/SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br.



1 INTRODUÇÃO

No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde anunciou a pandemia do novo coronavírus e da COVID-19, fenômeno este iniciado ao final de 2019, na China (MUNSTER et al., 2020; YUEN et al., 2020; WHO, 2020). Desde esse anúncio, os números de novos infectados e também de óbitos cresceram a cada dia em diversas partes do mundo, demandando uma constante atualização dessas estatísticas.

As descobertas de novas variantes do vírus possibilitaram a consideração de um trânsito pandêmico desde 2020, em que sucessivas ondas foram se apresentando a partir das condições de cada país e das estratégias de saúde delimitadas desde o reconhecimento desse importante evento global. Também assinalamos a produção de vacinas e o avanço das campanhas de imunização em todo o globo, permitindo a construção de cenários mais estáveis a partir do início de 2021, ainda que precisem ser destacadas as assimetrias no acesso a vacinas e a fármacos, inclusive com os diversos movimentos negacionistas e de desacreditação em relação à eficácia das vacinas para fazer frente à pandemia, por exemplo (AIRES et al., 2022; GALHARDI et al., 2022; PATIAS et al., 2021).

Nas diversas ondas, diferentes cenários epidemiológicos foram se apresentando, mas ainda sem uma perspectiva do encerramento desse período pandêmico no momento em que este ensaio é tecido, ao final de 2022. Esse contexto transformou a vida humana de modo global, interferindo não apenas em questões relacionadas à saúde coletiva, mas na ordem política, da sociabilidade, dos costumes e das diferentes tradições culturais.

A interrupção de atividades anteriormente realizadas e a instauração de novos protocolos de socialização em meio à necessidade de um cuidado em saúde para além do individual promoveram importantes mudanças e reflexões que afetaram a vida de todas as pessoas e comunidades. Sobretudo no início da pandemia e antes do advento das vacinas contra a COVID-19, medidas de isolamento e de distanciamento social foram adotadas por diversos países, o que promoveu impactos importantes na economia, nas atividades laborais, educacionais e também nas relações sociais (MUNSTER et al., 2020).

Nesse cenário sem precedentes na história da saúde coletiva neste século, diálogos importantes foram inaugurados não apenas como forma de promover inteligibilidades acerca da pandemia, mas também para compreender esse fenômeno e suas repercussões. Esses debates não foram conduzidos apenas pelas ciências da saúde, mas deflagraram a necessidade de corporificar também as problematizações oportunizadas pelas ciências humanas (SCORSOLINI-COMIN, 2020),





o que, inequivocamente, envolveu a dimensão da saúde mental diante desse fenômeno. Os impactos da pandemia na saúde mental de profissionais de saúde e na população em geral, por exemplo, vêm sendo estudados de modo aprofundado, com importantes repercussões para além dos contextos tradicionais de cuidado em saúde (KANG et al., 2020; ORNELL et al., 2020).

Retomando a importância das ciências humanas nesse debate (CANDIDO, 2010), entre os vértices empregados nessa discussão, podemos mencionar, neste estudo, a educação e a literatura, assim como balizado em investigações anteriores que tiveram como norte o contexto da saúde (JUNQUEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021; SCORSOLINI-COMIN; FIGUEIREDO, 2018). Diante desse panorama, este ensaio parte do diálogo com a literatura, especialmente a partir da obra de Carlos Drummond de Andrade.

Entre as diversas funções e posições que a literatura pode assumir para além do literário, inclusive para a humanização, como salientado por Candido (2010), podemos tomar o contexto de produção de determinadas obras como disparadores. No caso de Carlos Drummond de Andrade, autor que viveu e produziu em um contexto anterior ao da pandemia, é possível questionar: de que modo a sua literatura atravessaria o tempo, permitindo a emergência de reflexões para além do campo literário e tomando como referência um novo contexto de leitura? Como operacionalizar o debate entre a literatura e o cenário da pandemia? O poema “O sobrevivente”, foco do presente ensaio, parece oferecer pistas para essa leitura, como veremos mais detidamente a seguir.

2 O SOBREVIVENTE CARLOS

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Apresentado, em diversas análises, como poeta do cotidiano, da observação da vida simples de seu povo e com traços regionalistas que valorizam não apenas a brasilidade, mas também o seu estado de origem e a urbanização, Drummond é considerado um poeta que trouxe inovação à poesia brasileira justamente por investir em narrativas simples, do seu povo, dos costumes das pessoas do seu lugar, fomentando importantes análises que visam a compreender a complexidade de relações aparentemente descritas com simplicidade (MANDELBAUM, 2012; REZENDE, 2015).

A sua obra tem sido amplamente estudada não apenas por teóricos da área de literatura, mas também por historiadores, educadores e psicólogos interessados nos diálogos e nas contribuições do autor para diferentes campos, como o da formação do farmacêutico (REZENDE, 2015), da





memória social em relação à mineração e à desterritorialização (FROCHTENGARTEN, 2004), da Psicologia Social (MANDELBAUM, 2012), da Filosofia (PALMEIRO, 2022) e da construção do tempo histórico (CORREIA, 2009), apenas para citar alguns exemplos de como suas obras têm sido disparadoras para diferentes reflexões na contemporaneidade, sendo assimiladas por distintos campos epistemológicos dentro das ciências humanas e sociais.

Drummond revela, nessas interfaces, seu engajamento com a produção de uma literatura em constante diálogo com o homem do seu tempo e com o seu território, versando sobre diferentes temáticas que atravessam a política, as relações amorosas, a família, o trabalho e as relações de amizade. Mas também abarca em sua obra reflexões mais densas e relacionadas ao campo da Filosofia, como no poema “Especulações em torno da palavra homem”, em que questiona, entre outros sentidos, o da vida, da existência e da natureza humana, como no trecho:

Mas que coisa é homem?

Tem medo de morte,
mata-se, sem medo?
Ou medo é que o mata

com punhal de prata,
laço de gravata,
pulo sobre a ponte?
(ANDRADE, 2013, p. 29).

Ao questionar a natureza humana que teme a morte, Drummond também posiciona o ser humano como um animal que pode, ele mesmo, buscar o extermínio de sua espécie, revelando-se um animal paradoxal: na busca incessante pela continuidade da vida, traz em seu bojo a morte como um traço que lhe permite, através dos tempos, conquistar territórios, vencer desafios e autoafirmar-se em termos de poder e de soberania. A linha tênue entre vida e morte nos chama a atenção neste poema, que traz uma reflexão existencialista bastante oportuna, inquirindo o humano de modo direto, interceptando-lhe com questões que atravessam categorias como as de lugar, de realidade e de imaginário: “Mas que coisa é homem, que há sob o nome: uma geografia? um ser metafísico?” (ANDRADE, 2013, p. 28).

A partir dessa breve explanação, pode-se compreender a obra do autor como disparadora de importantes incursões nas ciências humanas, ampliando as potencialidades da leitura literária, inclusive, para além da sala de aula e com a contribuição de leitores que partem de diferentes posições (PALMEIRO, 2022). A partir dessa consideração, propomos, aqui, uma leitura da obra de





Drummond diante de um novo cenário de referência, o marcado pela pandemia da COVID-19, instigando o interlocutor a identificar paralelos e também provocações que atravessam o texto, abrindo a possibilidade de construção de diferentes inteligibilidades. Essa leitura pode ser útil tanto para pensar o modo como a produção poética do autor não se circunscreve exclusivamente às suas condições de produção e também para pensar a leitura literária em diálogo com novos cenários e tempos nos quais seus poemas podem ser (re)apresentados, (re)lidos e (re)interpretados, em um processo perene de (re)visitação da obra. Para tanto, nosso debate se concentrará especificamente no poema “O sobrevivente”, de 1930.

Em 1930, Drummond publicou seu primeiro livro, “Alguma poesia”, em edição de 500 exemplares paga pelo próprio autor, sob o selo imaginário Edições Pindorama, criado por Eduardo Frieiro (ANDRADE, 2008). Essa obra foi bem recebida pela crítica, o que seria fundamental no modo como o autor passaria a ser festejado como um dos produtos mais importantes do modernismo brasileiro, autêntico representante do regionalismo e da poesia de costumes na literatura brasileira (PONTIERO, 1978). Esse livro tem sido reconhecido como uma das suas obras mais importantes não apenas por ter inserido Drummond na cena literária do país, mas por ter permitido, desde a sua estreia, uma leitura acerca dos traços da sua escrita que viriam a marcar de modo profundo a poesia brasileira no século XX.

Esse livro possui um lugar de destaque no campo literário brasileiro. Isso pode ser observado a partir de diferentes marcadores, inclusive pelo modo como Drummond se faz presente na leitura literária em sala de aula e como tem sido alvo de diferentes estudos não apenas na área da Literatura, como em disciplinas de interstício com o literário, como a Psicologia (MANDELBAUM, 2012) e a Filosofia (PALMEIRO, 2022). Embora possamos refletir sobre o modo como determinadas obras e autores são selecionados como leituras obrigatórias para os vestibulares, não sendo este um processo neutro e alheio aos efeitos da ideologia, Drummond tem sido frequentemente listado como leitura em importantes exames vestibulares, o que pode trazer indícios sobre a sua presença na educação básica e sua consolidação no cânone literário nacional. Apenas para citar um exemplo, Drummond tem estado presente na lista de leituras obrigatórias da Fundação Universitária para o Vestibular, a FUVEST, que organiza a seleção de ingressantes para a Universidade de São Paulo. Para o vestibular de 2022, “Alguma poesia” voltou a compor essa seleta lista, reassegurando seu importante lugar não apenas na literatura brasileira, mas também no ensino da literatura aos jovens. Nas edições de 2020 e 2021 foi empregada a obra “Claro Enigma”.



Em “Alguma poesia” estão alguns dos poemas mais importantes de Drummond, como “Poema das Sete Faces”, que abre o livro, além de “No meio do caminho”. Entre eles também se encontra o poema intitulado “O sobrevivente”, que será alvo da análise no presente ensaio, como afirmado anteriormente. “O sobrevivente” é dedicado a Cyro dos Anjos, poeta mineiro com quem Drummond construiu uma importante amizade, retratada em correspondências trocadas de modo constante entre 1930 e 1986, ou seja, ao longo de quase toda a vida literária de Drummond. As relações entre os autores também podem ser assinaladas a partir de diálogos travados por meio de suas obras, como salientado no estudo de Justino (2015), colocando em debate a atmosfera intelectual vivenciada por esses autores nos anos 1930, em um período de intensa efervescência do modernismo.

O debate intelectual entre os autores tornara-se uma das principais características dessas correspondências entre amigos, a ponto de Drummond dedicar-lhe esse poema, como será apresentado a seguir. Essa dedicatória, no entanto, não pode ser compreendida apenas como uma homenagem a um amigo ou a um colega de escrita, mas como uma importante reflexão de ambos sobre como o mundo se apresentava à época, 1930, leitura esta que não pode ser realizada de modo apartado do seu contexto de produção.

É por esse motivo que Drummond é um autor compreendido como fortemente engajado em debates políticos, sociais e culturais de seu tempo (PONTIERO, 1978), movimento este travado também com outros colegas de ofício, como Mario de Andrade (RUFINONI, 2014). Nessa perspectiva, Drummond não se apresenta apenas como um representante de seu tempo, na literatura, na arte, na política e no modo de pensar a literatura brasileira diante de suas influências, mas, também, um sobrevivente de seu tempo, de um período de efervescência cultural e política capturado em muitos dos seus versos, como discutiremos no presente ensaio.

3 DAS (IM)POSSIBILIDADES DA POESIA EM CENÁRIOS DE CAOS

O presente ensaio não se propõe a realizar uma análise literária tal como apresentada em estudos anteriores (VIANA, 2010). Para a presente análise, o poema em tela terá como chave de leitura e interpretação não exclusivamente o contexto original de produção do texto drummondiano, mas a sua exposição/audição diante do cenário da pandemia do novo coronavírus. Assim, a partir de uma produção originária do contexto literário de 1930, pretende-se problematizar em que medida os sentidos produzidos a partir dessa obra podem ser um convite para os debates que questionam as



sociabilidades e o modo como a humanidade se comportou e reagiu à pandemia. Essa possibilidade de leitura tendo como base o cotejamento de dois contextos – o de produção e o de releitura da obra – pode disparar diferentes movimentos, tanto de distanciamento como de aproximação, sendo oportuno empreender uma análise sempre passível de abertura a novos sentidos, em um percurso eminentemente polissêmico.

Antes dessa análise, compartilhamos, a seguir, o poema na íntegra (ANDRADE, 2008, p. 83).

O SOBREVIVENTE

A Cyro dos Anjos

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da hu-
[manidade.

Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de ver-
[dadeira poesia.

O último trovador morreu em 1914.

Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades
[mais simples.

Se quer fumar um charuto aperte um botão.

Paletós abotoam-se por eletricidade.

Amor se faz pelo sem-fio.

Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a O Jornal que ainda

Falta muito para atingirmos um nível ra-

zoável de cultura. Mas até lá, felizmente,

estarei morto.

Os homens não melhoram

e matam-se como percevejos.

Os percevejos heróicos renascem.

Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.

E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

Um dos primeiros sentidos que emergem no texto é o da impossibilidade de escrever um poema “nesses tempos”. Os tempos descritos pelo autor em que a tecnologia passa a subverter a ordem das sociabilidades e dos costumes seriam impeditivos para a escrita da poesia. Essa poesia, aventa-se, já estaria mesmo esquecida com a morte de um último trovador a quem também não se podia recordar o nome. Tratava-se, pois, de algo que havia sido esquecido e que não mais fazia parte dos costumes dos novos tempos. O trovador, morto em 1914, decerto havia enterrado junto dele a poesia que agora era algo inatingível – nos idos de 1930, como aventa o autor.

A poesia inicia a narrativa buscando o reconhecimento do seu lugar de esquecimento. Os novos tempos, responsáveis pelo esquecimento da poesia, trazem elementos que passariam a ocupar,





metaforicamente, o lugar deixado pela poesia. Sem os versos, passa-se a automatizar as relações, a apertar botões em um prenúncio de mundo digital que só viria após algum tempo, a não viver as relações presencialmente, mas através do “sem-fio”. A poesia, pois, é apresentada como impossível nesse cenário que precedia o que hoje podemos nomear dentro do espectro do conceito de hipermodernidade. Obviamente que Drummond não trabalhava com esse conceito nem o antevia, mas dava pistas de que o porvir poderia ser marcado por um tempo no qual a poesia não tivesse mais um lugar. A poesia não poderia sobreviver nesse lugar em que se transformara o mundo, ou nesse lugar em transformação que não permitiria o retorno, o resgate do passado.

Com essa apresentação do poema, Drummond denuncia um duplo movimento de ruptura. A primeira ruptura pode ser compreendida a partir do próprio modernismo, cujo auge fora a Semana de Arte de 1922, que visava a imprimir nos artistas brasileiros um novo modo de olhar a arte, não mais eurocentrado ou americanocentrado, mas em busca da construção de uma arte eminentemente nacional e que colocasse em destaque nossos valores, nossos conhecimentos e nossas inteligibilidades, independentemente de nossa colonização e do olhar opressor desse colonizador que também colonializava nossa arte, nossa escrita e nossos temas. Essa arte de outrora, marcada pelo trovador europeu, estava fadada ao esquecimento. Em seu lugar haveria de emergir algo novo – mas no início do poema não parece ser a poesia a ocupar esse lugar vago deixado pela figura longínqua do trovador. A poesia mostra-se superada. A poesia não é mais possível.

Outro movimento que também é perceptível nesse poema – e este compõe um núcleo de interesse mais alinhado à argumentação do presente ensaio – refere-se ao modo como a contemporaneidade, com seu modo de produção, com sua visão de mundo, de sociedade e de ser humano, com o advento das novas tecnologias de informação e de comunicação, tornava improvável a sobrevivência da poesia, representada por um olhar de delicadeza e de sensibilidade sobre a realidade. Aqui a poesia é significada como algo anterior a essa contemporaneidade, como se fosse um signo atropelado por uma tecnologia presente cada vez mais em todos os vértices da socialização e da vida cotidiana.

A tecnologia, representando um novo modo de ser, de comunicar, de produzir e de estabelecer as relações interpessoais, seria uma metáfora da interrupção ou da superação de um modo de ser representado pela poesia e que seria alheio a esse novo modo de operar a vida. O velho seria representado pela poesia e pela figura do trovador esquecido. Também nesse bojo os próprios poetas modernistas tenderiam ao esquecimento, como parece sugerir Drummond a *Cyro dos Anjos*. Essa nova vida, assim, não tornaria possível a sobrevivência da poesia. Paralelamente, o que se





questiona no poema também é a possibilidade de sobrevivência do próprio ser humano – a partir de todas essas transformações, a vida humana ainda seria possível?

Os marcadores dessa nova tecnologia para as relações humanas, suplantando a necessidade da poesia, corporificam-se em diferentes versos, tais como “Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples”, ou, ainda, dos exemplos dessas novas tecnologias aplicadas às atividades cotidianas, como em “Se quer fumar um charuto aperte um botão”, “Paletós abotoam-se por eletricidade”, “Amor se faz pelo sem-fio” e “Não precisa estômago para digestão”. Nesses versos, Drummond questiona até mesmo o natural, o fisiológico, aventando que os processos tecnológicos poderiam interferir no metabolismo humano e nos sistemas vitais.

No paradoxo entre complexidade e simplicidade, Drummond questiona esse novo mundo. Para um mundo essencialmente simples, criar-se-ia uma estrutura bastante complexa para norteá-lo, de modo que tais inovações não seriam importantes para a manutenção ou melhoria da vida, mas, contrariamente, para subverter o simples, gerando diversas ressonâncias para o viver. Esse parecia ser um movimento dessa nova ordem, o que haveria de repercutir em todos os setores da vida. Diante disso, a poesia, em sua simplicidade, seria convidada a ceder o seu espaço. Seria mesmo impossível fazer poesia nesses novos tempos, tempos nos quais vivia o poeta Drummond, que não vicejava uma mudança nesse cenário enquanto vivesse.

Os prenúncios de Drummond corporificam-se anos mais tarde, metaforicamente, por exemplo, com o advento dos cigarros eletrônicos (“Se quer fumar um charuto aperte um botão”) e também a partir dos relacionamentos amorosos instaurados, construídos e mantidos no mundo virtual ou por meio de tecnologias digitais de comunicação que superam o telefone (“sem-fio”) e incorporam a internet, os aplicativos de namoro e demais tecnologias responsáveis tanto por aproximar pessoas distantes geograficamente como também por distanciá-las, paradoxalmente. Aqui, no entanto, não estamos aventando uma análise de correspondência entre o cenário futuro vicejado pelo autor e o que, no domínio do real, acabou se concretizando, mas pensando nos efeitos de sentido produzidos por esses versos quando (re)lidos e (re)apresentados no contexto contemporâneo. Assim, essas aproximações, simbolicamente, podem produzir um efeito de atemporalidade, como se o texto tivesse sido produzido tendo como referência o momento atual, em alguma medida.

Relembrando que o poema foi publicado originalmente em 1930, de modo que todas essas ferramentas comunicacionais e tecnológicas ainda eram bastante desconhecidas ou, em alguns casos, insipientes. Como exemplo, podemos citar que o primeiro aparelho eletrônico para fumar foi



desenvolvido e patenteado nos Estados Unidos em 1963 por Herbert Gilbert, sendo comercializado apenas a partir de 2003, sob a criação do farmacêutico chinês Hon Lik (KNORST et al., 2014). As metáforas da incorporação das novas tecnologias no cotidiano, desse modo, podem produzir como efeito de sentido a sensação de que a poesia fora escrita pensando justamente nos tempos atuais, mantendo a pertinência da crítica trazida por Drummond a um contexto no qual essas mudanças ainda eram promessas ou até mesmo elucubrações.

Tais mudanças e inovações não são referidas por Drummond com entusiasmo ou como promessas de um mundo melhor, mais ágil e mais conectado, pelo contrário. Essas mudanças e a incorporação cada vez mais acelerada da tecnologia em nosso cotidiano promoveriam um afastamento do ser humano de sua cultura. Aqui a cultura possui uma acepção próxima a uma inteligibilidade, a uma razoabilidade que tornaria possível a vida em sociedade, a vida no mundo.

Assim, a despeito dos elementos que parecem oferecer pistas de que a humanidade está mesmo evoluindo, Drummond recupera um movimento oposto, permitindo uma leitura que se contrapõe a esse lugar-comum do ser humano em constante aprimoramento, que também é fruto de um modelo biomedicalizante e de uma noção de ser humano positivista e fragmentado. Ele não defende a poesia como sinônimo de uma vida melhor, pelo contrário. A poesia, essa esquecida, em suas palavras, passa a ceder espaço a um modo de ser que, apartado do verso, constrói formas de vida totalmente opostas àquelas outrora veiculadas nesse gênero. A poesia não se coloca como “salvadora”, mas justamente escancara a ruptura, a falta, em uma posição de denúncia, em contraposição a qualquer leitura mais “romântica” de seu verso.

Todos esses avanços metaforizados e vislumbrados por Drummond também se mostraram, em alguma medida, ineficazes em um contexto de combate à pandemia. Isso não equivale a desconsiderar a importância da tecnologia de comunicação para a manutenção da conectividade em tempos de isolamento e de distanciamento social, nem das diversas descobertas médicas para a manutenção na vida ao longo do tempo.

O que se destaca é que essas respostas, isoladas, não podem ser oferecidas de modo unívoco e definitivo em uma pandemia. Embora as respostas biomédicas a esse fenômeno sejam advindas da ciência e do desenvolvimento possibilitado a partir de dezenas de anos de pesquisas sobre a saúde coletiva e o comportamento de vírus e demais organismos, opera-se, na contemporaneidade, a busca por respostas consideradas mais simples e que dependem, em sua maioria, da coletividade, como as representadas nas políticas de isolamento e de distanciamento social adotadas pela maioria dos





governos no Brasil e no mundo no início de 2020 como forma de conter o avanço do contágio pelo vírus e a sobrecarga dos equipamentos de saúde.

As respostas que podem contornar os efeitos nefastos da pandemia também têm sido possibilitadas pelo retorno do ser humano a dimensões consideradas esquecidas, como denunciado na narrativa de Drummond, como a casa, a família, o recolhimento e o contato consigo mesmo, em um nível reflexivo profundo. Drummond descreve uma sociedade humana que havia falhado ao tornar a poesia algo impossível em um cenário de dificuldade e de imprevisibilidade. As respostas então oferecidas, sumarizadas no advento das tecnologias que, aparentemente, visam a facilitar a vida das pessoas e que, de modo oposto e, em certa medida, a dificultam, não seriam suficientes para transformar o mundo em um lugar melhor.

As respostas à pandemia exigem também o retorno a determinadas práticas que envolvem a solidariedade, a preocupação com o próximo, a humanização no cuidado em saúde, a ressignificação da morte, do morrer e do luto, o reconhecimento de recursos pessoais e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. É mister, ainda, que haja o compartilhamento de sentimentos e emoções potencializados por uma realidade que atinge a todos, ainda que determinadas assimetrias sociais, marcadoras da diferença, permitam a ricos e pobres, brancos e negros, de centro ou de periferia, por exemplo, serem afetados de modos distintos (SCORSOLINI-COMIN, 2022).

Ainda que pesem essas diferenças, a pandemia mostra-se global, não imunizando qualquer sociedade e qualquer cultura, independentemente do seu potencial de desenvolvimento. Assim, argumenta-se que a pandemia parece promover uma escuta para determinados aspectos que se mostravam encobertos ou esmaecidos dentro de uma lógica produtivista, tecnologicista e com pouca porosidade ao humano e sua essência. Possivelmente um mundo muito próximo ao que Drummond narrou como aquele que havia tornado impossível o exercício da poesia, um cenário anterior à pandemia. As respostas tecnológicas e de inovação, no atual cenário, possuem um alcance limitado pelas próprias condições impostas pela pandemia e suas consequências sociais e impermanentes, o que torna complexo o processo de estabelecer inteligibilidades e tentar prever desfechos vindouros.

4 EM BUSCA DO NÍVEL RAZOÁVEL QUE POSSIBILITE A VIDA

A evolução da humanidade é colocada como algo realmente distante em “O sobrevivente”, apesar de, aparentemente, estar em voga: “Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta muito para atingirmos um nível razoável de cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto”. Em 1930,





Drummond não esperava estar vivo para vislumbrar essa mudança. Esse posicionamento não apenas destaca a complexidade dessa mudança, como também o pessimismo em relação à evolução da humanidade, a fim de que se atingisse um “nível razoável de cultura” que permitisse a sobrevivência humana. Drummond parece incrédulo quanto a essa possibilidade. Esse efeito também é produzido pelo modo como o poema é estruturado:

Realizado em versos livres, o poema tem o seu ritmo ditado pela emoção. Entre a impossibilidade de “compor um poema a essa altura da evolução da humanidade” e a desconfiança de que, realmente, o compôs, organiza o poeta uma síntese da contemporaneidade, marcada pelo automatismo, ausência de lirismo, império da tecnologia, como também pela perda de qualquer naturalidade nos gestos humanos. De grande valor estilístico é a passagem acerca da declaração daquele “sábio” a “O Jornal” seguida do comentário seco a traduzir todo o lamento do poeta: o prosaísmo. Aí não implica a fuga total do elemento poético, uma vez que a ordenação rítmica se mantém e a ausência de imagens em transmutação simplesmente configura uma nuance do tempo a que se refere o poeta. (VIANA, 2010, p. 57).

O pessimismo de Drummond em relação ao humano revela-se na incerteza. A poesia estaria esquecida junto ao último trovador falecido em 1914 ou poderia ser recuperada a qualquer momento, mesmo para a escrita de um fenômeno aparentemente sem qualquer encantamento e que se refere à degradação do humano em meio à guerra e à substituição da presença e do contato pela tecnologia da comunicação? O ser humano havia se perdido como percevejo em guerras de autoextermínio ou poderia ser salvo pela sua capacidade de se emocionar, o que tecnologia nenhuma poderia nos ensinar? Essas incertezas, em “O sobrevivente”, não são solucionadas, mas costuradas pela emoção, assim como destaca Viana (2010). É a emoção que costura o sequenciamento do poema, da deflagração da morte da poesia à sua retomada quase que de modo espontâneo, da descrição das novas tecnologias para o viver ao reconhecimento da insuficiência desses modelos.

Os efeitos de não atingirmos esse “nível razoável de cultura”, em “O sobrevivente”, seriam a não evolução humana e a guerra entre os homens, alçados à condição da selvageria, da barbárie e do animalismo, reafirmando as suas origens agressivas: “Os homens não melhoram e matam-se como percevejos”. Nessa metáfora da guerra, os percevejos gozariam de um status superior, pois eram capazes de renascer: “Os percevejos heróicos renascem”. Ao homem não seria possível essa condição. A característica humana de matar os seus semelhantes seria explorada em outros poemas posteriores, como no já mencionado “Especulações em torno da palavra homem” (ANDRADE, 2013).

O modo como o mundo evoluiria em termos ambientais e de preservação de espécies tornaria esse cenário cada vez mais inabitável. Paradoxalmente, o mundo tornava-se cada vez mais



habitado pelo crescimento desmedido da população, sem que houvesse planejamento, sem que os recursos fossem renovados e sem que o meio ambiente, de fato, fosse uma preocupação da humanidade para permitir a sobrevivência: “Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado”. O inabitável seria cada vez mais habitado por um ser humano incapaz de refletir e de cuidar do seu próprio mundo, incapaz de cessar a guerra, incapaz de permitir uma fruição positiva da tecnologia cada vez mais presente, incapaz de preservar o meio ambiente e seus recursos. Comparando os homens aos percevejos, Drummond destaca a superioridade dos insetos, relegando ao humano uma condição de autoextermínio e de pouca ou nenhuma preocupação com o seu contexto, com o seu ambiente.

Um dos efeitos de sentido mais potentes na narrativa do poema revela-se ao seu final. As tecnologias que regulam, controlam e permitem a vida acabam afastando o ser humano daquilo que lhe é mais essencial: a emoção e a capacidade de se sensibilizar. Ao se perder a poesia, como narrado no início, opera-se uma fragmentação do ser humano, relegado a automatizar-se para poder sobreviver. Essa fragmentação dialoga diretamente com o modelo biomédico de cuidado em saúde ainda em vigência, focado na doença, na especialização e na cisão entre corpo e mente (MATTOS; LUZ, 2012). Extirpando a sua capacidade de se emocionar, o ser humano pode continuar a sua vida repleta de tecnologias que subvertem o cuidado, que ultrapassam e solapam as relações humanas, que imprimem uma fantasia de desenvolvimento, de evolução, de melhoria.

O homem, animalizando-se como percevejo, embora possua a ilusão de estar evoluindo para um status no qual a proximidade realmente não seja necessária (“sem-fio”), acaba sendo assaltado em sua capacidade de se emocionar e, portanto, de ser legitimamente humano. A capacidade emotiva, sinônimo de algo adquirido com a evolução da espécie humana, é simplesmente extirpada desse humano contemporâneo, vulgo “moderno” e representante de um novo ethos. Esse ser humano não mais estaria exposto à emoção, pois perdera a capacidade até mesmo de chorar. Ao perder essa capacidade, o homem não estaria se animalizando, mas se coisificando: “Que coisa é o homem?” (ANDRADE, 2013).

Embora o autor tenha poucas expectativas de mudança enquanto estiver vivo, não se revela essencialmente pessimista. Aqui Drummond revela o efeito da recuperação dessa capacidade emotiva, permitindo que o homem reaprenda a chorar: “E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio”. Se fosse possível a esse ser humano novamente humanizar-se, recuperar a sua capacidade emotiva, afastar-se da guerra e dos instintos animais, do autoextermínio, esse mesmo ser humano poderia novamente se conectar ao que lhe é original, basal, genuinamente humano: a





emoção. Essa emoção é metaforizada na busca pela poesia. A intensidade dessa emoção represada por anos de devoção à tecnologia e aos avanços biomédicos é metaforizada na mística bíblica do dilúvio.

Ao escrever que esse novo homem poderia chorar em intensidade, gerando um segundo dilúvio, Drummond lança pistas sobre a retomada da poesia. Assim, poesia e emoção são significadas como elementos indissociáveis. A esquecida poesia e seu trovador no início do poema são alçados a uma condição de esperança na conclusão do itinerário do texto. Caso esse homem retome a sua emoção, caso se reconecte com a sua essência, pode também voltar a escrever, pode tornar o mundo mais habitável não apenas ao próprio homem, mas também à poesia outrora esquecida. É nesse momento de revelação sobre a possibilidade de não cumprir o itinerário pessimista em relação à evolução da humanidade que Drummond aventa ter escrito – ou retomado – a poesia, ainda que os parênteses possam sinalizar que essa revelação é ainda algo que não deve ser compartilhado com outrem, quase em tom de confissão: “(Desconfio que escrevi um poema.)”.

O aparente susto pela escrita de uma impensável – e impossível – poesia permite ao sobrevivente uma sobre-vida, ou melhor, o convite para um novo modo de vida mais adequado, mais preñado de sentido, menos excludente e mais passível de satisfação. Pelo poema, não há pistas de como ocorreria essa nova vida.

Em que pesem os paralelos estabelecidos neste ensaio com o contexto da pandemia do novo coronavírus, pode-se reconhecer nesse atual período uma movimentação em torno da necessidade de refletir sobre essa nova forma de existir. Essa nova existência recuperaria elementos já disponíveis em nossa socialização através dos tempos, de modo que não se trataria de uma inovação, mas de uma retomada de aspectos anteriormente vivenciados e esquecidos a partir do modo hipermoderno de existir e de se relacionar (SCORSOLINI-COMIN, 2022). Obrigado ao recolhimento, ao silenciamento e ao distanciamento, aventa-se que esse humano, agora, poderia reavaliar as suas demandas e necessidades.

A pandemia, ao subverter as interações e as prioridades, possibilitou novas inteligibilidades, revisitando antigos paradigmas, reaquietando pregressas respostas aos conflitos. Obviamente que muitas das tecnologias não deixarão de existir com a pandemia, mas passarão a servir a um novo modo de interação e de conectividade, talvez não mais calcado na premissa de permitir o contato, simplesmente, mas de justamente problematizar o sentido dessa conexão, o sentido dessa proximidade. A retomada dos sentidos pode permitir uma nova fruição, possibilitando que a



conectividade se dê de modo mais amadurecido, em resposta a um modelo biomédico insuficiente para se pensar o cuidado de si e o cuidado do outro (MATTOS; LUZ, 2012).

As tecnologias, aventa-se, passarão a ajudar a conectividade entre as pessoas – e não em substituição às pessoas. A maior ou a menor clareza em relação a esses movimentos contemporâneos podem ser marcadores de como a vida durante e após a pandemia pode se reorganizar, o que deverá ser acompanhado por todos e, inclusive, pelos versos que ainda serão escritos sobre esses tempos. Retomando o já-vivido, como em “O sobrevivente”, destaca-se a necessidade de apreender esses movimentos cíclicos não apenas na literatura, mas na vida humana, acessada de modo especial por uma escuta possível *de e a partir* do verso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse percurso analítico, um movimento cíclico deve ser pontuado em “O sobrevivente”. Da impossibilidade de acessar a poesia, no início que coincide com a deflagração de quão mudado estava o mundo, emerge a retomada quase que instintiva da poesia como algo necessário após a hipotética retomada da emoção. Se a emoção for retomada, se a sua expressão novamente for legitimada, apesar dos incrementos tecnológicos, apesar da guerra e da desumanização das relações entre as pessoas, em um mundo desigual, poder-se-ia também retomar a poesia, esquecida, negligenciada, relegada ao esquecimento por não constituir propriamente uma inovação na vida contemporânea. É importante, aqui, considerar que a literatura, em Drummond, não assume uma posição “salvacionista”, pelo contrário: ela pode denunciar a falta, o desconforto, a falha, o equívoco. Assim, mostra-se mais relacionada a uma ideia de ruptura do que de salvação diante de um cenário complexo e desafiador.

Poesia e emoção são dois elementos que, inicialmente esmaecidos, passam a ser possibilidades de sobrevivência e sobre-vivência. Emoção e poesia são alçadas a condicionantes da sobrevivência, da vida na coletividade, na sobrevivência do humano em um mundo intensamente destruído pela nossa espécie. Da aparente “não poesia” do momento emerge, por fim, a poesia quase que naturalizadora da condição emotiva. A poesia impossível, de início, converte-se na poesia não como uma possibilidade, mas como uma revelação (“Desconfio que escrevi um poema”), um produto eminentemente humano diante de um não-saber, diante do caos, diante da imprevisibilidade, diante da impermanência, diante da não-resposta.



Um contexto pandêmico torna-se um disparador para a retomada dessas reflexões. Em um mundo altamente automatizado, com forte presença da tecnologia – e das desigualdades e assimetrias que possuem o acesso à tecnologia como um marcador da diferença social – a pandemia traz à baila questionamentos que não mais podem ser solucionados pura e simplesmente pela tecnologia e pela razão. Embora não possamos desconsiderar a importância do avanço das ciências biomédicas para produzir respostas eficazes à pandemia, como a produção de vacinas e de estratégias de proteção contra a propagação do vírus, há que se destacar que as primeiras respostas foram dadas pela retomada de comportamentos que haviam sido aparentemente esquecidos em uma sociedade hipermoderna e de comunicação instantânea, em um paradigma próximo ao da ausência de sentidos na atenção biomédica (MATIÓS; LUZ, 2012): a necessidade de silenciamento diante do não-saber, de recolhimento, de isolamento, de distanciamento e também de acolhimento das incertezas e das emoções disparadas por esse momento de forte mobilização global.

Assim, destaca-se que a pandemia parece ter funcionado como um convite para a retomada de um processo de humanização que vinha sendo subalternizado ou precarizado. A possibilidade de sobreviver à pandemia e às intempéries produzidas por esse complexo momento global dar-se-ia, portanto, com o auxílio da retomada de reflexões essenciais ao ser humano, como o que pode nos tornar, de fato, humanos. O resgate da emoção e da poesia parecem ser respostas concretas trazidas em “O sobrevivente”. Respostas estas que parecem ser reaquecidas no contexto atual, quase cem anos após a publicação original do texto.

Duas possibilidades, no mínimo, são legítimas para compreender essa atualidade: a primeira é a de que o homem ainda está em guerra, a exemplo dos perceijos do poema, lançando a si mesmo e ao seu entorno a sua destrutividade, certo de que isso em nada o afeta. A segunda é a de que a escrita, sobretudo da poesia, em sua potência para a narrativa das incertezas da vida e do humano, ainda permanece como elemento capaz de nos humanizar e de nos fazer sobre-viver a toda sorte de eventos e fenômenos. Esse movimento reafirma a poesia – e a emoção humana – como atemporais e essenciais à nossa condição.

REFERÊNCIAS

AIRES, C. P.; SYED, W. A. P.; CORBANI, M.; FONTES-DUTRA, M.; SARTURI, L.; LEITE, N. P. S.; SCHRARSTZAUPT, I.; BRAGATTE, M.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SIMONETTO, C.; BLANC, L.; REIS, L. B. **Tudo que você precisa saber sobre a COVID-19: doença, prevenção e fake news.** Ribeirão Preto: Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2022.





- ANDRADE, C. D. **Alguma poesia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ANDRADE, C. D. **A vida passada a limpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- CORREIA, M. C. Como Drummond constrói “Nosso tempo”. **Alea**, v. 11, n. 1, p. 73-86, 2009.
- FROCHTENGARTEN, F. Memória e colonização em Carlos Drummond de Andrade. **Psicologia e Sociedade**, v. 16, n. 3, p. 97-101, 2004.
- GALHARDI, C. P. et al. Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022.
- JUNQUEIRA, L. F. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, v. 10, p. e-2117404, 2021.
- JUSTINO, A. S. De Drummond a Cyro dos Anjos: as opções de uma geração de intelectuais no modernismo de 30. **Letras Escreve**, v. 5, n. 2, p. 81-99, 2015.
- KANG, L. et al. The mental health of medical workers in Wuhan, China dealing with the 2019 novel coronavirus. **Lancet Psychiatry**, v. 7, n. 3, e14, 2020.
- KNORST, M. M. et al. Cigarro eletrônico: o novo cigarro do século 21? **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 40, n. 5, p. 564-572, 2014.
- MANDELBAUM, B. Sobre o campo da Psicologia Social. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 15-43, 2012.
- MATTOS, R. S.; LUZ, M. T. Quando a perda de sentidos no mundo do trabalho implica dor e sofrimento: um estudo de caso sobre fibromialgia. **Physis**, v. 22, n. 4, p. 1459-1484, 2012.
- MUNSTER, V. J. et al. A novel coronavirus emerging in China-key questions for impact assessment. **New England Journal Medicine**, v. 382, n. 8, p. 692-694, 2020.
- ORNELL, F. et al. The impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of healthcare professionals. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, e00063520.
- PALMEIRO, T. M. Os nosso corpos e o legado da pandemia: uma leitura de Heidegger e Drummond de Andrade. **Revista Portuguesa de Filosofia**, v. 78, n. 3, p. 1115-1132, 2022.
- PATIAS, N. D.; VON HOHENDORFF, J.; COZZER, A. J.; FLORES, P. A.; SCORSOLINI-COMIN, F. Mental health and coping strategies in undergraduate students during COVID-19 pandemic. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 29, p. 414-433, 2021.
- PONTIERO, G. Alguma poesia (1930): Carlos Drummond de Andrade’s auspicious debut. **Ibero-Amerikanisches Archives**, v. 4, n. 2, p. 93-114, 1978.





REZENDE, I. N. Literatura, história e farmácia: um diálogo possível. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 813-828, 2015.

RUFINONI, S. R. Mário e Drummond: nacionalismo, alteridade, arte. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 80, p. 247-266, 2014.

SCORSOLINI-COMIN, F. A re-humanização. **Revista da SPAGESP**, v. 23, n. 1, p. 1-4, 2022.

SCORSOLINI-COMIN, F. Programa de tutoria con estudiantes de enfermería en el contexto de la pandemia de COVID-19 en Brasil. **Index de Enfermería**, v. 29, n. 1, e12901, 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F.; FIGUEIREDO, I. A. Concepções de saúde, doença e cuidado em Primeiras estórias, de Guimarães Rosa. **Saúde e Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 883-897, 2018.

VIANA, C. A. Presença do cotidiano e crítica social em Carlos Drummond de Andrade. **O MARRARE - Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ**, n. 12, p. 47-66, 2010.

YUEN, K. S. et al. SARS-CoV-2 and COVID-19: the most important research questions. **Cell Bioscience**, v. 10, n. 1, p. 1-5, 2020.

WORLD HEALTH ORGAZATION. **Coronavirus**. Genève: WHO, 2020. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1.

Artigo recebido em: 12/11/2022

Artigo aprovado em: 22/12/2022

Artigo publicado em: 23/12/2022

COMO CITAR

SCORSOLINI-COMIN, F. Uma leitura de *O sobrevivente*, de Carlos Drummond de Andrade, em tempos de pandemia. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-18, e02219, 2022.

